

## **Progressista na política e conservadora nos costumes: a experiência jornalística juvenil em Parnaíba-PI (1977-1988)**

Sérgio Luiz da Silva Mendes<sup>1</sup>  
Cláudia Cristina da Silva Fontineles<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo investigou a linha editorial do jornal *Inovação*, periódico que emergiu na cidade de Parnaíba-PI, no final dos anos 1970 e circulou ininterruptamente até o final dos anos 1980. Foi fundado por jovens parnaibanos que desejavam, de alguma forma, fazer parte das discussões políticas e sociais de sua urbe. O *Inovação* foi produzido aos moldes da imprensa alternativa própria do período da ditadura militar no Brasil, ou seja, em boa parte de sua existência era mimeografado, em formato tabloide, de tiragem irregular, linguagem escrachada, com dificuldades orçamentais, mas de viés político bastante combativo. Ao realizarmos a análise dos seus editoriais, identificamos uma contradição interessante, qual seja: tratava-se de um jornal progressista na política, mas conservador nos costumes. Para a discussão teórica, foram fundamentais o diálogo com Bezerra (1993), Bobbio (2011), Da Matta (1986), Herschamann; Ribeiro (2008) e Kucinski (3003). Como fonte histórica nos utilizamos dos editoriais do *Inovação*, bem como de alguns artigos contidos no mesmo.

**Palavras-chave:** jornal *Inovação*; Progressista; Conservadorismo; Juventude e Parnaíba-PI.

**Abstract:** This article investigated the editorial line of the newspaper *Inovação*, a periodical that emerged in the city of Parnaíba-PI in the late 1970s and circulated uninterruptedly until the end of the 1980s. It was founded by young parnaibanos who wished in some way to be part of the political and social discussions of their city. The *Inovação* was produced along the lines of the alternative press proper to the period of military dictatorship in Brazil, that is, in much of its existence it was mimeographed in tabloid format, with irregular print run, language scrachada, with budgetary difficulties, but of very combative political. When analyzing its editorials, we identified an interesting contradiction, namely: it was a progressive newspaper in politics, but conservative in customs. For the theoretical discussion, the dialogue with Bezerra (1993), Bobbio (2011), Da Matta (1986), Herschamann; Ribeiro (2008) and Kucinski (3003) were fundamental. As a historical source we use the editorials of *Inovação*, as well as some articles contained in it.

**Keywords:** journal *Inovação*; Progressive; Conservatism; Youth and Parnaíba-PI.

**Progressive in politics and conservative in custos: the youth journalistic experience in Parnaíba-PI (1977-1988)**

### **Introdução**

---

<sup>1</sup> Doutor em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (PPGHB-UFPI), Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor Assistente do curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: [profsergio@frn.uespi.br](mailto:profsergio@frn.uespi.br)

<sup>2</sup> Doutora em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista em Produtividade Científica CNPq. Professora Associada do curso de História e da Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e da Pós-Graduação em Ciência Política (UFPI), Coordenadora de área do PIBID/História/CAPES/UFPI. E-mail: [cfontinelles@gmail.com](mailto:cfontinelles@gmail.com)

No final da década de 1970, jovens parnaibanos desejosos de participarem das discussões políticas de sua cidade, resolveram criar um jornal mimeografado intitulado *Inovação*.<sup>3</sup> Seus principais assuntos giravam em torno da dimensão política, social e cultural de Parnaíba, cidade litorânea do estado do Piauí, local onde foi fundado. O jornal publicava também notícias do Brasil e do mundo, sendo bastante versátil e contundente em suas matérias. Sua primeira edição data de dezembro de 1977 e sua última de agosto-setembro de 1988, totalizando um pouco mais de dez anos de existência, um feito raro em se tratando de imprensa juvenil piauiense. Em obra intitulada “Anos 70: por que essa lâmina nas palavras?”, seu autor descrevia o *Inovação* da seguinte forma:

Outro alternativo importante é o “Inovação”, lançado em Parnaíba, em dezembro de 1977, o qual se estenderia até os anos oitenta. Impresso em mimeo, o “Inovação” teve vários colaboradores, com espaço para questões locais, para a poesia, comentários econômicos e políticos. Pela sua constância e postura independente, foi o mais significativo jornal alternativo publicado no Piauí nos anos 70. (BEZERRA, 1993, p. 18-19)

É sobre esta experiência jornalística juvenil parnaibana que este artigo se propõe investigar. E, ao tomamos qualquer mídia como objeto de estudo, seja ela impressa, eletrônica, televisiva ou em qualquer outro suporte físico ou digital, é fundamental que compreendamos sua linha de pensamento. Isso se deve porque as mídias, de maneira geral, são produtoras de sentido, elaboram formas de pensar, sentir e agir, as quais tendem a direcionar a opinião pública. Além disso, elas ajudam na dinâmica de elaboração de uma memória social, bem como para entendê-la (HERSCHMANN; RIBEIRO, 2008). Compreendê-las então, torna-se um desafio para àqueles(as) preocupados(as) em investigar o papel das mídias ao longo do tempo e do espaço.

No nosso caso, sendo o jornal *Inovação* este objeto de pesquisa, portanto uma mídia impressa, conseguimos entender seus principais interesses, objetivos e bandeiras levantadas a partir da análise de sua linha editorial. Os editoriais funcionam mesmo como espaço privilegiado para que possamos perceber a opinião do jornal com relação a política, a cultura, a sociedade, o seu papel enquanto produto jornalístico, e em nosso caso particular, até mesmo as formas desejáveis de comportamento social e religioso.

---

<sup>3</sup> O jornal *Inovação* foi fundado por Francisco José Ribeiro e Reginaldo Ferreira da Costa, ambos nascidos em Parnaíba-PI. Foi um jornal que teve sua primeira edição publicada em dezembro de 1977 e sua última em agosto/setembro de 1988. Inicialmente foi produzido em mimeógrafo e posteriormente teve suas edições produzidas em *off-set*.

É necessário expor que o *Inovação* se apresentou à sociedade parnaibana como um produto midiático, um jornal alternativo aos moldes dos jornais estudados por Kucinski (2003), Barros (2003) e Abreu (2002), de cunho progressista, e que realizavam também uma escrita bem articulada sobre si, com ideais de esquerda e com propostas as quais consideravam novas dentro da cidade de Parnaíba, daí inclusive uma das explicações a respeito do seu próprio nome: *Inovação*. A respeito dos conceitos de esquerda e ideais progressistas, o tomamos a partir da perspectiva de Bobbio, o qual afirmava que:

Partindo do pressuposto [...] de que a pessoa de esquerda é aquela que considera mais o que os homens têm em comum do que o que os divide, e de que a pessoa de direita, ao contrário, dá maior relevância política ao que diferencia um homem do outro do que ao que os une, a diferença entre direita e esquerda revela-se no fato de que, para a pessoa de esquerda, a igualdade é a regra e a desigualdade, a exceção [...], ao passo que, para o indivíduo de direita [...] a desigualdade é a regra e que, se alguma relação de igualdade deve ser acolhida, ela precisa ser devidamente justificada [...]. [Assim, a esquerda tende a dar] preferência aos direitos humanos fundamentais contra os bens de consumo e patrimoniais, [ao passo que] a direita [adota] os critérios do mérito e da posição social. (BOBBIO, 2011, p. 23-24)

Com efeito, podemos observar dentro das páginas do *Inovação* uma série de reportagens, entrevistas, matérias, charges, tirinhas cômicas, artigos e editoriais os quais carregavam um discurso ou imagem progressistas aos moldes como Bobbio a definiu, e também é relativamente fácil identificar, na escrita dos editorialistas, o posicionamento político partidário de esquerda. Porém ao nos debruçarmos sobre seus editoriais, chegamos a identificar que além do discurso progressista propagado pelo referido jornal, temos em seu bojo algumas ideias que, longe de serem inovadoras, difundiram pensamentos tradicionalmente conservadores.

Para que possam entender como chegamos a essa conclusão, apresentaremos aqui a análise dos principais editoriais inscritos no jornal num universo de setenta e quatro edições. Optamos por seguir a análise dos editoriais numa linha muito mais temática do que cronológica, pois entendemos que assim fica mais fácil de se compreender a conclusão que chegamos: além das ideias progressistas, havia muito de conservadorismo no *Inovação*. Portanto, era dezembro de 1977 quando chegava nas mãos de poucos parnaibanos a primeira edição do jornal *Inovação*. Poucas porque o seu primeiro número teve uma tiragem singela de apenas 100 exemplares. De diagramação simples, com apenas duas colunas, 10 páginas rodadas em mimeógrafo e em formato tabloide, tínhamos na sua terceira página o que

identificamos<sup>4</sup> ser o primeiro editorial do *Inovação*. Intitulado “*Jovens parnaibanos*” (RIBEIRO, *Inovação*, Ano I, 1ª ed., dez. de 1977, p. 03), assinado por Francisco José Ribeiro, um dos fundadores do jornal, começava aqui a prática de apresentar aos leitores as principais ideias, objetivos, lutas sociais e posicionamentos político-partidários deste impresso parnaibano.

Em “*Jovens parnaibanos*” há, portanto, o início de uma prática escriturística (CERTEAU, 1994) de convocar os “jovens parnaibanos” a serem protagonistas das mudanças urbanísticas, políticas, culturais, sociais e comportamentais da cidade. Logo no primeiro parágrafo, uma afirmação seguida de um questionamento, ditam o rumo do que pretendia o editorialista do *Inovação*: “Jovens parnaibanos, necessitamos de um entrosamento político; por que não o fazemos?” (RIBEIRO, *Inovação*, Ano I, 1ª ed., dez. de 1977, p. 03).

Na escrita de Francisco José Ribeiro, compreendemos que seu desejo era o de conscientizar a juventude da cidade sobre sua situação política local e também nacional. Aqui neste primeiro editorial, identificamos o primeiro discurso progressista do jornal: “Sem uma visão política não podemos sentir de perto, as coisas que afligem a humanidade como: a carência de alimentos, a falta de cultura, moradia e outros fatores importantes para o homem, para nossa sobrevivência.” (RIBEIRO, *Inovação*, Ano I, 1ª ed., dez. de 1977, p. 03). Nos dois parágrafos subsequentes podemos identificar o posicionamento político partidário, o qual acompanhará o jornal por longos anos, e um dos pilares do discurso conservador deste periódico: a Igreja Católica.

Nós *jovens emedebistas parnaibanos*, devemos participar, pois reconhecemos ser este o caminho mais acertado para a Redemocratização do nosso país.

*A igreja como fator primordial entre os homens*, está com a opinião da juventude, com as nossas aspirações. A Ordem dos Advogados do Brasil, por sua vez, defende esta mesma Redemocratização como sendo fundamental para a sociedade brasileira, pelo direito de justiça. (RIBEIRO, *Inovação*, Ano I, 1ª ed., dez. de 1977, p. 03 Grifo nosso)

Assim, vinha a público um dos periódicos mimeografados de maior consistência e durabilidade do estado do Piauí (dezembro de 1977 a agosto/setembro de 1988), apresentando

---

<sup>4</sup> A primeira vez que aparece o título “Editorial” no *Inovação* é apenas na sua terceira edição, datada de janeiro de 1978. Ela foi inserida na terceira página do jornal, sempre ao lado da ficha técnica deste periódico. Nas edições seguintes, o editorial continuou a ser inscrito sempre na terceira página e sendo escrita por um de seus fundadores, Reginaldo Costa ou Francisco Ribeiro, por isso, acreditamos ser o texto “Jovens parnaibanos” o primeiro editorial do *Inovação*.

aos seus leitores um discurso que prometia engajamento político e postura progressista dentro da cidade de Parnaíba.

Inicialmente, apresentaremos os discursos, dentro dos editoriais, que apontavam para ideias progressistas. Observaremos que, constantemente, apresentavam-se como uma tribuna a serviço da população, um periódico que lutava por questões que diminuíssem as desigualdades sociais, para logo em seguida voltarmos nossas análises para os discursos conservadores do jornal.

### **Direitos sociais, Reforma Agrária, Constituição, Diretas Já: o discurso progressista no *Inovação***

De sua emergência até sua última edição, o *Inovação* realizava reivindicações consideradas avançadas para sua época, reclamavam direitos que ainda hoje não foram conquistados pela classe trabalhadora, sobretudo os trabalhadores do campo, como foi o caso da inexistência, até os dias de hoje, de uma reforma agrária ampla e efetiva, além disso, lutaram pelos direitos sociais dos trabalhadores, pela campanha das “Diretas Já” e pela formação da Constituinte e conseqüente criação da “Nova Constituição”. Para chegarmos a esta conclusão, nos utilizamos principalmente dos editoriais veiculados no jornal.

O *Inovação*, portanto, em muitos dos seus editoriais, reclamava das autoridades públicas, sobretudo do poder municipal, melhorias infraestruturais da cidade que pudessem minimizar os problemas sociais que afetavam sobretudo as camadas menos favorecidas, levantaram bandeiras como as da reforma agrária, da educação, da luta contra a fome e o desemprego, luta pelo fim da ditadura civil militar, dentre tantas outras, as quais identificamos aqui como os discursos progressistas dentro do jornal. Essa postura ia ao encontro do que Bobbio (2011) definia como um posicionamento de esquerda progressista.

Na sua vigésima terceira edição, por exemplo, no editorial “A luta continua” (INOVAÇÃO, Ano II, 23ª ed., out. de 1979, p. 03), o articulista criticava a administração do prefeito de Parnaíba ao passo que elencava e reclamava por soluções em alguns setores da cidade, sendo eles: implantação do Distrito Industrial, rede de esgotos, ampliação e reforma da rede elétrica, urbanização da zona de turismo, ensino, biblioteca e teatro municipal.

O editorialista alertava que “Muitos são os problemas da nossa pequena cidade.” (INOVAÇÃO, Ano II, 23ª ed., out. de 1979, p. 03), para em seguida citar os problemas que afetavam a economia de Parnaíba, bem como questões de ordens sanitárias e educacionais. Procuravam indicar algumas soluções, e com relação à econômica apontavam que “A

construção do Distrito Industrial representará o impulso de que necessita o complexo da atividade econômica desta Região Norte, juntamente com a construção do Porto de Luís Correia e a construção da Ponte do Jandira.” (INOVAÇÃO, Ano II, 23ª ed., out. de 1979, p. 03). Segundo o editorialista, a construção do Distrito Industrial promoveria vários empregos e geraria renda para aquecer o comércio local. Registravam também que “Os esgotos representam a melhor defesa da saúde de uma comunidade, assim como resolvem os problemas advindos dos invernos rigorosos.” (INOVAÇÃO, Ano II, 23ª ed., out. de 1979, p. 03), ou seja, um tema que ainda afeta o parnaibano em pleno século XXI era reclamado pelos inovadores naquele período.

Passando pelas questões de infraestrutura de Parnaíba, como a construção de matadouros públicos, pavimentação de ruas para facilitar as atividades turísticas, ampliação da iluminação pública, viam na educação uma de suas principais bandeiras, dessa forma o editorialista afirmava: “Antes de tudo, a educação. No interior do município não há ensino primário. Há escolas, mal aparelhadas e deficientes, e professoras mal pagas. É necessário, [...], que haja escolas regulares e Professoras bem remuneradas e que tenham treinamento didático razoável.” (INOVAÇÃO, Ano II, 23ª ed., out. de 1979, p. 04). O complemento da educação pública viria com a ampliação e renovação do acervo da biblioteca municipal, bem como da construção de um teatro de arena para que atividades culturais pudessem ser desenvolvidas e apreciadas pela população parnaibana de modo geral.

Em “Vergonha Nacional” (INOVAÇÃO, Ano IV, 34ª ed., jan. de 1981, p. 03), o editorialista pôs em evidência os problemas que afetavam a nação de modo geral, sendo eles de base econômica, social e educacional, o que acabava por gerar, segundo o jornal, consequências danosas à população, como a prostituição crescente entre as mulheres. Esse editorial versou também sobre o momento de transição política pelo qual passava nosso país, e chegavam à seguinte conclusão:

*O momento nacional é sério. Exige uma reflexão profunda de todas as camadas sociais, de todo o povo brasileiro. [...] Não temos, sequer, nos aproximado dos números calculados pelos órgãos internacionais que coordenam – [...] – o desenvolvimento das nações. É o caso da UNESCO que recomenda 12% do orçamento anual de cada país para o setor educacional quando o Brasil destina 4,28% para a educação do seu povo. O Estado brasileiro destina, apenas, Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros), por ano, para cada criança. Atualmente no nosso país, são 50 milhões as crianças carentes, incapazes de reivindicar qualquer coisa. No ano 2.000 teremos 70 milhões. (Coojornal – janeiro 1981). [...].*

A prostituição, outro grande problema social brasileiro, a cada dia se agrava. Chega a 50 mil o número de meninas menores de 17 e maiores de 10,

recrutadas para prostituição no Nordeste (Oxfan – organização de pesquisa – Inglaterra).

Na área econômica a vergonha nacional não é menos escandalosa: *a inflação alcançou o maior índice de nossa História*; a política salarial não corresponde às exigências básicas para a sobrevivência da pessoa humana; nossa dívida externa está em 60 bilhões de dólares. Estamos entregues às multinacionais. (INOVAÇÃO, Ano IV, 34ª ed., jan. de 1981, p. 03 Grifo nosso)

Este editorial alertava também sobre a “política habitacional adotada pelos governos revolucionários” (INOVAÇÃO, Ano IV, 34ª ed., jan. de 1981, p. 03) que, segundo o editorialista, seria “humilhante”. Sobre a saúde, afirmava que era: “[...] precária. Grande áreas do território nacional são desassistidas no setor social e sanitário.” (INOVAÇÃO, Ano IV, 34ª ed., jan. de 1981, p. 03). Todos esses fatores acabavam por gerar insatisfação entre os articulistas do *Inovação* que viam nos editoriais espaços privilegiados para se posicionarem e cobrarem das autoridades governamentais melhorias nas áreas da saúde, economia, assistência social e educação pública. A estratégia, nesse caso, era atingir os consumidores do jornal, numa tentativa de incitá-los a cobrarem dos seus representantes políticos uma postura administrativa mais comprometida com a resolução dos problemas sociais, econômicos, educacionais e sanitários que atingiam a maioria da população brasileira, em especial, dos próprios parnaibanos.

No editorial da quinquagésima nona edição, o editorialista ao cobrar uma postura mais progressista por parte dos políticos, criticava a política econômica do governo federal, colocando em evidência melhorias salariais para as classes trabalhadoras, além do direito das mulheres e a reforma agrária, uma das principais bandeiras progressista do jornal. Dessa forma, em “A paranoia do bairrismo” (INOVAÇÃO, Ano IX, 59ª ed., jul.-out. de 1986, p. 03), cobrava dos políticos mais comprometimento com algumas pautas que mereceriam mais atenção no processo de construção da nova Constituinte, sendo eles: “uma justiça ágil e a serviço do povo oprimido, direitos da mulher, reforma agrária autêntica, [...]” (INOVAÇÃO, Ano IX, 59ª ed., jul.-out. de 1986, p. 03), e afirmava “Nosso Estado precisa mudar, e *as forças progressistas e populares avançarão no sentido de ocuparem espaços na Constituinte e na Assembleia Legislativa.*” (INOVAÇÃO, Ano IX, 59ª ed., jul.-out. de 1986, p. 03 Grifo nosso)

Em “Luta pela vida” (INOVAÇÃO, Ano VI, 45ª ed., ago.-set. de 1983, p. 03), temos mais um editorial em que a democracia era apontada como desejo do *Inovação* e como único caminho viável para a solução dos problemas sociais do país. No referido editorial, afirmava-se que:

Nesse momento de formação da consciência nacional, *devemos mudar nossa História* partindo do bom senso e da participação efetiva de todos, indistintamente de cor (sic), sexo, religião ou partido político. A discussão em torno da eleição do futuro presidente da República deve ser aprofundada. Ela é vital para nosso desenvolvimento. E nesse particular, *só as eleições diretas interessam ao povo. Só as eleições diretas tornarão nosso povo soberano, consciente, livre e participativo.* (INOVAÇÃO, Ano VI, 45ª ed., ago.-set. de 1983, p. 03 Grifo nosso)

Como podemos perceber, as eleições diretas eram uma das bandeiras do *Inovação*, portanto um dos muitos posicionamentos políticos de cunho progressista do jornal. O desejo pela soberania do povo através do livre exercício do voto direto, só seria possível com o fim da ditadura e a consequente redemocratização do país, pois isto, segundo o editorialista, seria “vital para nosso desenvolvimento.”

Após a saída dos militares, a insatisfação se voltava para o governo Sarney. O governo do Sarney era constantemente cobrado por conta de sua política econômica. Em “Presidente do FMI” (INOVAÇÃO, Ano X, 61ª ed., jan. de 1987, p. 03), o editorialista chamava atenção novamente para a dívida externa do país e como isso gerava todos os problemas na área da economia nacional. Neste editorial, afirmava que o presidente José Sarney (PDS) e a “Nova República” do PMDB tinham assumido compromisso não com os reais problemas do Brasil e sua população, mas com o FMI, assim como haviam feito os militares. Isto, segundo o editorialista, colocava em risco, não somente o povo brasileiro, mas a própria soberania nacional. De acordo com ele:

Depois do pontapé que o PMDB deu na alma do povo brasileiro (Cruzado II), nada temos a esperar do atual governante, no sentido de melhoria de vida da classe trabalhadora, pois toda a política econômica do presidente nordestino está sendo aplicada para respeitar o Fundo Monetário Internacional, em detrimento do sofrimento do nosso povo.

[...]

*Exigimos o não pagamento da dívida externa e salários que correspondam às reais necessidades da classe trabalhadora.* (INOVAÇÃO, Ano X, 61ª ed., jan. de 1987, p. 03 Grifo nosso)

Mais do que progressista, “audaciosa” seria o adjetivo que poderíamos empregar para definir a proposta do editorialista, qual seja: o não pagamento da dívida externa. Ignorar nosso credor, FMI, seria então uma das soluções apontadas para que os problemas financeiros da nação pudessem ao menos serem minimizados. As críticas que surgiram contra o presidente José Sarney, contra o Cruzado II, ou seja, contra a política econômica do governo federal, e contra a “Nova República”, apontavam aqui também para a



insatisfação e o descontentamento e até mesmo “desencantamento” ou “desilusão” com relação ao PMDB. Se no início de sua jornada o *Inovação* simpatizava com o MDB, agora sua postura era de afastamento e críticas ao novo PMDB.

Entre tantas pautas, a Reforma Agrária foi outra luta significativa do jornal. Em “Nova República, novo jornalismo” (INOVAÇÃO, ano VIII, 52ª ed., mar.-abr.-mai., de 1985, p. 03), o editorialista chamava a atenção para a luta contra os latifúndios, sob o risco do país continuar com extrema desigualdade social caso não fosse resolvido este problema histórico do Brasil. Dessa forma, afirmava:

Um jornal é sempre um desafio quando caminha ao lado dos oprimidos representados por vastos segmentos sociais em busca de libertação e dos seus direitos fundamentais.

*A Região Nordeste exige Reforma Agrária já.* Esperamos que venha de baixo para cima; como uma conquista popular. Nesse sentido, mobilizaremos esforços pra vermos o homem do campo com terra pra viver e seu suor evitar a infelicidade e a descaracterização do seu lar. A Reforma Agrária conterá as migrações internas e dará sustentação ao homem sertanejo. (INOVAÇÃO, ano VIII, 52ª ed., mar.-abr.-mai., de 1985, p. 03 Grifo nosso)

O *Inovação*, a partir desta edição, começou a defender a Reforma Agrária como caminho para diminuir a saída dos nordestinos de suas terras em busca de melhores condições de vida, mas também como uma solução mais humana com relação aos problemas sociais que afetavam considerável parcela da população brasileira. A luta pela terra ganhou, por conseguinte, outros tantos editoriais, o que atesta como esta causa foi uma das principais bandeiras do *Inovação* durante o período de transição política que o país passava durante a década de 1980.

Enfim, todas as pautas anteriormente mencionadas dão a dimensão de como o *Inovação* tinha ideais e lutas de postura progressistas. Desejavam e acreditavam que a partir da conscientização política a população poderia lutar por uma vida melhor, que através da educação, o brasileiro teria acesso a uma cidadania plena, ou seja, com direito à terra, a um sistema de saúde de qualidade, a alimentação digna, empregos com garantias trabalhistas, transporte, moradia e lazer para todas as classes trabalhadoras do país. O que analisaremos agora é sua contradição, a postura conservadora do jornal que, igualmente, se apresentava igualmente muito presente em suas páginas.

## **Comportamento social e religião: as bases conservadoras do *Inovação***

Se o jornal *Inovação* era progressista na política, sobretudo quando se tratava da luta pelos direitos sociais, encabeçando bandeiras até hoje longe de serem alcançadas pelos trabalhadores da cidade e do campo, nos costumes se apresentava como um periódico que veiculava discursos conservadores, principalmente ligados ao comportamento juvenil e à religião. Identificamos, ao analisarmos os editoriais dos anos iniciais do jornal, uma preocupação por parte do editorialista em apontar formas de comportamentos desejáveis e aqueles que deveriam ser esquecidos pela população parnaibana. Neste tópico, nosso esforço foi de organizar e analisar os editoriais os quais foram veiculados discursos conservadores, para que assim possamos compreender como o *Inovação* compreendia o comportamento social e a religião dentro da sociedade parnaibana.

Na edição de inauguração do jornal, na matéria de capa, Reginaldo Costa, colocava de forma objetiva como enxergava a questão comportamental da sociedade parnaibana no final dos anos 1970, segundo ele: “Nossa sociedade transforma-se, às vistas de todos, numa sociedade curtidora de boites (sic), restaurantes, bares de esquina e bate-papo não cultural, desprezível.” (COSTA, *Inovação*, Ano I, 1ª ed., dez. de 1977, p. 01). Neste sentido, o que se criticava aqui era a vida noturna do parnaibano, posto que as atividades elencadas acontecem, sobretudo, no turno da noite, ou seja, shows de boates e encontros em restaurantes e bares de esquina. Este era o início de um discurso que se estenderia por muitas edições e que ganharia espaço nos editoriais, ou seja, a crítica às práticas comportamentais da sociedade parnaibana.

O espaço dado, portanto, à questão comportamental no jornal, em várias edições e em vários editoriais, evidencia que esta e as formas desejáveis desta foi um tema fulcral no *Inovação*. Escrever sobre o comportamento social e, sobretudo, o comportamento juvenil dos parnaibanos, acabou por se tornar uma prática importante para seus articulistas, recebendo, inclusive, dentro do próprio jornal uma seção intitulada “Comportamento”.<sup>5</sup> Já na segunda edição, na seção “Comportamento”, líamos: “O que temos são áreas de curtição para os que economicamente desfrutam de certas regalias.” (COSTA, *Inovação*, Ano I, 2ª ed., jan. de 1978, p. 04). Aqui, matéria assinada por Reginaldo Costa, a preocupação era com as áreas de lazer públicos e com a própria infraestrutura da cidade. No texto, o autor reclamava da falta de projetos, por parte da gestão municipal, que visassem a melhoria das praças públicas, das avenidas, dos bairros, posto que só a iniciativa privada era quem disponibilizava espaços de

---

<sup>5</sup> A primeira vez que o jornal assumiu uma seção intitulada de “Comportamento” foi já na sua segunda edição, datada de janeiro de 1978. Esta seção não aparecia em todas as edições, mas foi presença marcante em várias outras. Cf.: COMPORTAMENTO, *Inovação*, Ano I, 2ª ed., jan. de 1978, p. 04.

lazer, porém, essa “regalia” só era possível, segundo Reginaldo Costa, “para os que economicamente” podiam desfrutá-la.

Nesta segunda edição, a preocupação com o comportamento social juvenil foi tema no texto de Francisco José Ribeiro, “Um grupo vibrante – novas ideias – e a Ala Jovem e seu jornal – Inovação” (RIBEIRO, Inovação, Ano I, 2ª ed., jan. de 1978, p. 02), quando este articulista escrevia que:

Sabemos que Parnaíba é uma cidade relativamente grande, isto é, entre as cidades de nível médio e nós nos preocupamos com a situação do jovem do momento: *para que ele não fique numa ociosidade procurando se entregar aos tóxicos e a outros vícios que acarretem depreções (sic) morais e intelectuais, prejudicando a si, ao próximo e transformando o comportamento social da nossa cidade.* (RIBEIRO, Inovação, Ano I, 2ª ed., jan. de 1978, p. 02 Grifo nosso)

O receio de Francisco José Ribeiro era que os jovens parnaibanos entrassem no “mundo das drogas”, porque este acreditava que essa entrada levaria estes jovens a perderem a “moral”. Esta “moral”, como veremos mais à frente, está ligada à moral cristã, um dos pilares do discurso conservador do jornal. Iremos analisar, como o discurso religioso, ligado à igreja Católica, integrou boa parte das edições do *Inovação*, tornado este veículo de comunicação um propagador da ética cristã, inclusive ditando aos jovens a leitura da bíblia. Acreditavam que este era o caminho da retidão e da polidez para a juventude parnaibana e, lógico, apoiado na sua formação política.

O discurso conservador apresentado até aqui, está ligado, primeiramente, à rua, no caso os bares, boates e restaurantes, como lugares inapropriados para a juventude, posto que só levaria ao vício e ao “bate-papo não cultural, desprezível” (COSTA, Inovação, Ano I, 1ª ed., dez. de 1977, p. 01), ou seja, a noite parnaibana só abrigaria lugares que levariam sua população à desmoralização e, segundo, a própria falta de lugares onde a “cultura” pudesse estar à disposição dos jovens parnaibanos, já que sem esses espaços “apropriados”, estes estariam a mercê da ociosidade, o que levaria consequentemente o jovem, segundo o articulista, às drogas.

O discurso conservador o qual afirmava que a sociedade parnaibana estaria caminhando para um processo de auto desmoralização, foi retomado já na terceira edição, quando Reginaldo Costa afirmava que: “Nossa sociedade transforma-se às vistas de todos, numa sociedade inútil; de bares, restaurantes, boites (sic), e beira-rio, nos bate-papos que não conduzem a nada, apenas deturpam o sentido de ser “jovem” (COSTA, Inovação, Ano I, 3ª ed., jan. de 1978, p. 09). Para Costa, nestes espaços não seria possível haver algo de positivo,

somente inutilidades e deturpação do “sentido de ser jovem”. No texto, o autor afirmava que um dos antídotos para que esta situação fosse modificada seria justamente então a criação e efetivação do espaço físico que abrigaria o Centro Cultural *Inovação*, lugar este onde a juventude poderia ter acesso a biblioteca e salas de estudos. Segundo Reginaldo, com a fundação deste Centro “Teremos vários departamentos; o cultural, o jornalístico, o social, o recreativo e o político” (COSTA, *Inovação*, Ano I, 3ª ed., jan. de 1978, p. 09). A respeito deste Centro Cultural, o autor ainda afirmava que:

Novas ideias surgirão de pensamentos nobres e adolescentes de “sangue azul”, fazendo do nosso meio, um meio sadio, sem entorpecentes, sem desvio, um meio lúcido onde se sinta a presença de liberdade com responsabilidade.

Parnaíba merece o melhor, o que de mais idílico cidades iguais a nossa são merecedoras... (sic)

Pôr em evidência o verdadeiro valor da Juventude é a primeira convocação dos idealizadores e criadores do Movimento Social e Cultural *Inovação*. (COSTA, *Inovação*, Ano I, 3ª ed., jan. de 1978, p. 09)

O Movimento Social e Cultural *Inovação* seria o filtro para os jovens parnaibanos, posto que dos pensamentos nobres dos de “sangue azul” é que sairiam as ideias de reais valores para a sociedade. A cidade é sempre apresentada como um lugar que não dispõe para a juventude, e sociedade em geral, espaços onde os mesmos possam desenvolver uma cultura erudita. A rua, portanto, é sempre descrita como o lugar do perigo, do ócio e do vício, lugar onde os jovens não encontram ambiente sadio, e não gozam de “liberdade com responsabilidade”. O discurso conservador aqui é o que vê na rua o espaço sobretudo da tentação, como analisava Roberto Da Matta em seu livro “O que faz do Brasil, Brasil?” (1986). Para o referido autor: “Há uma divisão clara entre dois espaços sociais fundamentais que dividem a vida social brasileira: o mundo da casa e o mundo da rua – onde estão, teoricamente, o trabalho, o movimento, a surpresa e a tentação” (DAMATTA, 1986, p. 15).

Dentro do *Inovação*, desde suas primeiras edições, outro discurso conservador que sempre se fez presente foi o religioso. Se o comportamento social ganhou espaço e visou as práticas sociais dos parnaibanos, sua religiosidade também foi assunto recorrente, recebendo também, dentro do jornal, uma seção intitulada “Religião”<sup>6</sup>. Esta, ganhou seu primeiro espaço na décima oitava edição, na página quatorze, tendo como primeiro tema: “Maria Mãe é a obra

---

<sup>6</sup> Esta seção foi inserida no jornal da 18ª edição. Cf.: RELIGIÃO, *Inovação*, Ano II, 18ª ed., mai. de 1979, p. 14.

prima do Espírito Santo” (ALICE, Inovação, Ano II, 18ª ed., mai. de 1979, p. 14), e como principal colaboradora desta seção a articulista Ana Alice.

Não é que as críticas ao comportamento social parnaibano tenham saído diretamente de um discurso religioso, mas prevalecia, dentro do *Inovação*, uma certa postura que tinha na ética cristã uma bússola do que seriam as formas de comportamento sociais desejáveis. A religião, de onde parte o direcionamento ético daqueles que fazem o *Inovação*, pelo menos dos discursos que são veiculados no jornal, é a Católica. São evidências disso os títulos e conteúdo dos textos publicados na seção “Religião”. Com relação aos títulos, podemos citar, por exemplo: “Maria Mãe é a obra prima do Espírito Santo” (ALICE, Inovação, Ano II, 18ª ed., mai. de 1979, p. 14), “Você vai ao encontro marcado” (ALICE, Inovação, Ano II, 25ª ed., dez. de 1979, p. 13) e “Com Deus a nossa paz” (ALICE, Inovação, Ano III, 26ª ed., jan. de 1980, p. 16). Já na vigésima sétima edição, o Suplemento Especial tinha como tema a Igreja Católica e trazia o seguinte título “A ação social da Igreja” (SUPLEMENTO ESPECIAL, Nº V, A ação social da igreja, Inovação, Ano III, 27ª ed., fev.-mar. de 1980). Na trigésima primeira edição, o Suplemento Especial, intitulado “A Igreja” (SUPLEMENTO ESPECIAL, A Igreja, Inovação, Ano III, 31ª ed., ago.-set. de 1980), também trazia como temática a Igreja Católica.

Todos estes elementos, denunciavam o posicionamento religioso de parte de seus colaboradores. É certo que já na sua sexta edição, os redatores Reginaldo Ferreira da Costa e Olavo Rebelo Filho alertavam, no espaço destinado à ficha técnica do jornal, que o “INOVAÇÃO (sic) é um Jornal de circulação quinzenal. Não nos responsabilizamos por matérias assinadas, as mesmas são de responsabilidade de seus autores. *O nosso editorial traduz o pensamento dos que fazem o Jornal*” (INOVAÇÃO, Ano I, 6ª ed., abr. de 1978, p. 02 Grifo nosso). E na nona edição, especificavam mais ainda o pensamento do jornal ao afirmarem que: “[...]. *Nosso editorial traduz o pensamento dos que redigem e dirigem o jornal.*” (INOVAÇÃO, Ano I, 6ª ed., abr. de 1978, p. 02 Grifo nosso), ou seja, não necessariamente as seções ou as matérias, ou o que quer que fosse veiculado no jornal, traduziria ou representaria o pensamento do *Inovação*.

Contudo, se afirmavam que eram nos editoriais que os leitores encontrariam o pensamento do jornal, o editorial da trigésima primeira edição dava, em grande medida, respaldo aos textos de viés religioso, ligados à Igreja Católica. Assim, em “Novo bispo” (INOVAÇÃO, Ano III, 31ª ed., ago.-set. de 1980, p. 05), o editorialista afirmava:

*Nossa diocese* não acompanhou o desenvolvimento e a orientação emanada da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que, baseada na realidade sócio-cultural e econômica do nosso país vem desenvolvendo uma ação pastoral de encontro da grande maioria do povo brasileiro – camponeses, trabalhadores, marginalizados da periferia urbana, indígenas, etc – valorizando-os e integrando-os à sociedade, dentro de princípios cristãos e de justiça social.

[...].

*Precisamos, portanto, criar, conhecer, viver as COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE* (sic), levando a mensagem de Cristo e ajudando as pessoas a confiarem em si e nas suas potencialidades, reduzindo, desta forma, o fosso que possa existir entre Igreja e Povo, *evitando, também a sua manipulação por políticos inescrupulosos e ideologias não compatíveis com a dignidade humana.*

[...].

DOM EDVALDO (sic), o *Norte do Piauí necessita de uma dinamização na sua Igreja para que seu povo viva em Cristo e não aceite esse Cristo apenas por simples tradição familiar.* Parnaíba necessita e espera uma revitalização na sua diocese. (INOVAÇÃO, Ano III, 31ª ed., ago.-set. de 1980, p. 05 Grifo nosso)

O editorial do jornal critica a não adesão da diocese de Parnaíba às orientações propostas pela CNBB. O jornal conclama a diocese parnaibana a se aproximar da face religiosa mais articulada às camadas populares da sociedade. Com isso, o *Inovação* expõe como se davam as disputas no âmbito social, que também repercutiam entre os clérigos, em franca crítica à postura da diocese litorânea.

Ao analisar a posição do editorial do *Inovação* sobre a postura Igreja Católica em Parnaíba e sua divergência em seguir as orientações da CNBB, observamos a confirmação de uma advertência feita por Lucília Delgado e Mauro Passos, quando esclarecem que:

A Igreja Católica não é um bloco homogêneo. Nela estão presentes práticas diferentes e mesmo contraditórias. Existem diferentes comportamentos religiosos e políticos, influenciados pela forma como seus membros se ligam às várias classes sociais (DELGADO; PASSOS, 2007, p. 98).

Os autores destacam que essa multiplicidade da Igreja Romana e sua relação com os diferentes segmentos sociais e sua adesão aos projetos defendidos por esses grupos pode ser percebida no Brasil quando observamos a existência do catolicismo oficial – associado ao poder político e econômico das oligarquias conservadoras e dos proprietários de terra – e do catolicismo popular – com maiores vínculos às camadas populares da sociedade. Nesse sentido, o país, ao longo de sua história, viu fortalecerem-se propostas e manifestações variadas no seio da Igreja Católica, especialmente no concernente às questões sociais.

Em 1935, com a institucionalização oficial da Ação Católica Brasileira, que foi “uma grande escola de apostolado e militância cristã,” e “o braço da hierarquia estendido no campo social, político e cultural” (DELGADO; PASSOS, 2007, p. 101), desenvolveram-se iniciativas de aproximação de temas sociais, como a Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC).

A partir da década de 1950, a formação na ação e metodologia da JOC, pautadas em “Ver-Julgar-Agir”, foram “sendo incorporados pelos outros grupos e tornaram-se os eixos centrais que passaram a orientar esse apostolado leigo”, o que gerou “um novo tipo de relação da Igreja com o mundo social, político, cultural e artístico” (DELGADO; PASSOS, 2007, p. 102).

Nesse ínterim, em meio a uma intensa polarização social, que também atinge a Igreja Católica, é criada a CNBB, em 1952, que, entre outras propostas, visava a comunicação entre o episcopado, a coordenação das atividades e a mediação entre as dioceses e passava a discutir institucionalmente temas relativos às questões sociais, sob a forma de estudos, congressos, cursos de atualização teológica. Em 1963, a CNBB publica um documento denunciando a fome e as injustiças sociais por que passava a população brasileira, em que afirma “a pretexto de combaterem o comunismo com medo de perderem seus privilégios, alimentam paradoxalmente a propaganda das ideias subversivas e esgotam a paciência dos pobres” (CNBB, 1963, p. 627-628 apud DELGADO; PASSOS, 2007, p. 110).

Nesse período, a Igreja também sofria reformulações e tensões em âmbito internacional, principalmente após o Concílio Vaticano II (1962-1965), que propôs a atualização da Igreja. Isso também promoveu polêmicas e resistências dentro do catolicismo, assim como ocorrera após a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín (CELAM), ocorrida em 1968, que centrou suas propostas na justiça social, promoção humana e construção da paz.

É importante salientar que continuaram a conviver várias propostas e interesses dentro da Igreja Católica, muitas que convergiam com as práticas e concepções autoritárias de país – aliados que eram dos projetos conservadores/reacionários de país; outras que passaram a combater diretamente o regime autoritário implantado após o golpe civil-militar de 1964, principalmente após o enrijecimento do arbítrio governamental institucionalizado após a aprovação do Ato Institucional n. 5, aprovado em dezembro de 1968. Exemplo disso foi a posição publicada pela CNBB, em sua XI Assembleia Geral, ao denunciar os abusos da

ditadura contra os direitos humanos e sociais no Brasil. Isso favoreceu o fortalecimento de um catolicismo mais envolvido com questões sociais:

Uma geração de católicos praticantes e militantes lança-se nesta empresa. Cresce também o número de padres, religiosos, religiosas e bispos comprometidos com as questões sociais e a defesa dos direitos da pessoa (DELGADO; PASSOS, 2007, p. 121).

É importante observar que a partir da segunda metade do século XX, mais especificamente após a implantação da Ditadura Civil-Militar no país, a Igreja Católica no Brasil sofria mudanças e inseria temáticas sociais em suas pautas centrais de discussão, seja sob a Doutrina Social da Igreja – que agia dentro dos moldes eclesiais convencionais da Igreja – ou sob a Teologia da Libertação – que propunha uma leitura do catolicismo a partir de um viés mais engajado político e socialmente, dentro de uma fé articulada à “práxis histórica, libertadora e subversiva dos pobres deste mundo, das classes exploradas, das raças desprezadas, das culturas marginalizadas.” (GUTIÉRREZ, 1981, p. 58 apud DELGADO; PASSOS, 2007, p. 122-123).

Essas concepções, embora incluíssem temas sociais como centrais, divergiam a respeito dos meios e das formas de ação adotadas, bem como disputavam o protagonismo entre os grupos sociais, seja na cidade ou no campo (GRYNSZPAN; DEZEMONE, 2007).

Nesse processo, foram ganhando destaque as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que passaram a articular estudos bíblicos com situações concretas da vida brasileira, aproximando religião e vida cotidiana. Sua relevância social ganha tanta força que elas se tornaram “o palco de debates e mobilizações contra a injustiça social e a doutrina de segurança nacional, particularmente depois do AI-5” (DELGADO; PASSOS, 2007, p. 98), e no seu esteio, mobilizaram até representantes da hierarquia católica, que, à sua maneira, foram apresentando críticas ao governo de exceção que governava o país.

Diante da importante contribuição dos movimentos sociais surgidos dentro da Igreja Católica ou articulados a ela, e em virtude da heterogeneidade de propostas existentes no período, é importante entender como isso era percebido e repercutia nas páginas do *Inovação*.

Essas considerações acerca da heterogeneidade existente na Igreja Católica e seu papel no cenário político-social brasileiro são necessárias para entender por que o texto do *Inovação* na 31ª edição do ano de 1980 adota uma postura crítica em relação aos caminhos percorridos pela Igreja Católica em Parnaíba, conclamando-a a se aproximar do viés social e das CEBs.

No início do texto jornalístico, o pronome possessivo “nossa” acompanhado do substantivo “diocese” podia estar se referindo, é claro, apenas à diocese de Parnaíba, sem que



necessariamente o editorialista seja católico, mas também podia estar conotando que sim, a “nossa” significa que o editorialista é católico e cobrava maior “dinamização” da sua Igreja e, conseqüentemente, de sua diocese para que ela pudesse chegar a mais pessoas de forma mais efetiva e fizesse com que seu povo “vivesse” em Cristo. Outro ponto que leva a crer que o editorialista é sim católico e que desejava que sua Igreja se aproximasse de mais pessoas foi o tom engajado de seu texto, quando afirmava que: “Precisamos, portanto, criar, conhecer, viver as COMUNIDADES DE BASE, levando a mensagem de Cristo e ajudando as pessoas em si e nas suas potencialidades, [...]” (INOVAÇÃO, Ano III, 31ª ed., ago.-set. de 1980, p. 05).

Com esta citação, na realidade, estamos apresentando indícios de que o editorialista, se não endossasse os textos religiosos veiculados no jornal, ao menos simpatizaria com os mesmos já que no editorial é que encontramos a tradução do “pensamento dos que redigem e dirigem o jornal.” (INOVAÇÃO, Ano I, 9ª ed., jul. de 1978, p. 02) Era como se o que viesse de fora da ética cristã católica fosse “inescrupuloso”. Aqui reside a base de um dos pensamentos conservadores do jornal *Inovação*. E, percebam que a relação entre “Igreja e Povo” evitaria a manipulação da sociedade brasileira por parte de “políticos inescrupulosos e ideologias não compatíveis com a dignidade humana.” (INOVAÇÃO, Ano III, 31ª ed., ago.-set. de 1980, p. 05), ou pelo menos é o que sugere o próprio editorialista. Portanto, aqueles que tivessem a fé católica, praticassem a igreja e sua ética cristã, e vivessem em Cristo, estes estariam imunes aos males do que viesse de “fora dela”, Igreja Católica. Por outro lado, teríamos o avesso, ou seja, o que é inescrupuloso, o que é manipulador, o que é imoral.

É preciso compreendermos também que, neste editorial, temos um pensamento de uma relação entre Igreja e Povo numa perspectiva de quem vê a primeira muito mais como uma instituição que traria ou poderia trazer benefícios sociais à população do que propriamente uma relação que iria gestar um sujeito ou cristão melhor, ou seja, o editorialista enxergava a Igreja Católica mais como um lugar de onde iriam emanar ações que visassem o bem comum da sociedade em geral do que qualquer outra coisa. Não se tratava, portanto, de pensar ou de dar mais ênfase aos valores cristãos, mas de percebê-la como uma instituição que poderia ser mais engajada quando o assunto era ações de cunho sociais. Claro que a ética cristã estaria também por detrás desse pensamento de que a Igreja Católica deveria ser atuante quanto às questões sociais que viessem a beneficiar a população em geral. Está implícito também, no referido editorial, que compreendiam a igreja Católica como formadora de bons cristãos, de sujeitos decentes e de indivíduos morais que teriam capacidade de discernir o que é bom do que é ruim, como por exemplo, quais políticos seriam honestos e quais seriam corruptos.

Esse pensamento de que é da ética cristã, de vertente católica, que emanam as coisas boas, de que seus adeptos sejam sujeitos de boa índole, evidente, é uma tradição brasileira, faz parte, portanto, de um dos valores conservadores do Brasil, não é apanágio somente dos que fazem o *Inovação*. Segundo Da Matta:

Aqui, como em outros lugares, temos uma religião dominante e que até bem pouco tempo (até 1890, para ser preciso) foi oficial. Trata-se, conforme sabemos, do Catolicismo Romano, denominação religiosa formadora da própria sociedade brasileira e, naturalmente, de um conjunto de valores que são essenciais no Brasil. Naturalmente que tal forma de denominação religiosa é acompanhada de outras que a ela estão referidas, mas que dela se diferenciam por meio do culto, da teologia, do tipo de sacerdócio e de atitudes gerais. (DAMATTA, 1986, p. 76)

Como religião oficial até pouco tempo atrás, a Igreja Católica formou e continua a forma milhares de brasileiros dentro de sua ética cristã e, dentro do “conjunto de valores que são essenciais no Brasil”, aos quais Da Matta se referiam, estão a ideia de moralidade, de verdade, de comportamento social e tantos outros elementos que compõem a lógica do ser cristão. Este conjunto de valores demarca o que seria desejável e o que seria indesejável.

Na trigésima sétima edição, “Nossa Igreja” (INOVAÇÃO, Ano IV, 37ª ed., jun.-jul. de 1981, p. 03) intitulava seu editorial. Mais uma vez o pronome possessivo “nossa” foi usado para se referir à Igreja Católica. No texto, os jornalistas do *Inovação* prestavam sua solidariedade ao padre Ladislau João da Silva, que fora acusado, segundo o próprio editorialista, por políticos de Esperantina-PI, de desenvolver “ações subversivas”.<sup>7</sup>

O povo de Parnaíba e do Piauí tomou conhecimento das acusações que foram lançadas contra o Padre Ladislau João da Silva, da cidade de Esperantina.

[...].

Tivemos a oportunidade de ler um sério e relevante trabalho sobre as instituições religiosas de Parnaíba produzido pelo [...] CEBRAP, que entre outras análises, *identificou uma crescente elitização de nossas instituições religiosas*. [...].

Podemos incorrer numa dedução precipitada, mas *a falta de solidariedade ao humilde Padre Ladislau* – que tem se identificado com as camadas mais pobres de sua comunidade – por esses segmentos burgueses da Igreja de Parnaíba, *não estaria diretamente ligado a esta crescente elitização da nossa Igreja?*

É comum na fase atual do nosso País se realizarem acusações absurdas contra padres e bispos, entretanto, normalmente, as pastorais Operária, Periferia, da Terra, da Juventude, Social e outros grupos religiosos prestam imediata solidariedade e apoio, [...].

---

<sup>7</sup> Com relação a esta acusação, o assunto foi tratado no Suplemento Especial desta mesma edição. Cf.: ESPECIAL PE. LADISLAU, *Inovação*, Ano IV, 37ª ed., jun.-jul. de 1981, (Suplemento Especial, Nº X.

No caso específico do Padre Ladislau uma das primeiras manifestações de solidariedade partiu do Arcebispo de Olinda e Recife, D. Helder Câmara, que, embora distante, demonstrou mais uma vez, sua profunda sensibilidade cristã. (INOVAÇÃO, Ano IV, 37ª ed., jun.-jul. de 1981, p. 03 Grifo nosso)

O editorial era uma crítica a falta de solidariedade, por parte dos grupos e segmentos religiosos da Igreja Católica, ao padre Ladislau que, segundo o editorialista, priorizava realizar ações sociais junto as classes menos favorecidas. Porém, para além dessa crítica relacionada à falta de solidariedade ao referido padre, o que mais se evidenciava era o descontentamento do editorialista com a “crescente elitização da nossa Igreja”. Para o editorialista, a igreja deveria direcionar suas energias aos pobres, aos menos favorecidos, àqueles em situação de vulnerabilidade, e não se tornar uma instituição elitizada, posto que se afastaria do seu propósito: acolher todos de maneira igualitária, na comunhão cristã. A igreja deveria moralizar a sociedade, e ao se “elitizar”, acabaria por afastar de suas dependências justamente as classes pobres, a população carente, ou seja, os operários, os proletários, os desempregados, o povo humilde, o que poderia significar menos pessoas sendo formadas dentro da moral cristã de vertente Católica.

Assim, a relação do *Inovação* com a Igreja Católica se fez muito próxima. Nos editoriais e Suplementos Especiais, as ações da Igreja Católica se apresentavam como caminhos viáveis para um Brasil melhor, seus representantes religiosos como agentes que lutavam por uma sociedade mais justa e igualitária, sua divindade como promotora da paz. E, na seção “Religião”, apresentavam Maria, José e Jesus como modelos de mãe/mulher, pai/homem e verdadeiro cristão a serem copiados, exemplos a serem seguidos para que a “família”, instituição sagrada, pudesse prevalecer como paradigma das “micro células” da sociedade. A crítica, girava somente em torno do processo de “elitização” da Igreja, posto que isto poderia afastar seus fiéis e, conseqüentemente, a moral cristã perderia espaço na sociedade que idealizavam; uma sociedade que tinha e continua tendo, nesta mesma “moral cristã”, um dos seus principais pilares conservadores, uma bandeira que até os dias atuais ainda é muito utilizada como sinônimo de civilidade, de pureza, de bondade, mas que já levou e continua levando políticos corruptos, genocidas, preconceituosos e antidemocráticos ao poder, para que realizem suas barbáries, tudo em nome de Deus e da família cristã.

## Considerações finais

O jornal *Inovação* foi fundado por jovens parnaibanos, Francisco José Ribeiro e Reginaldo Ferreira da Costa, os quais ansiavam em participar ativamente das discussões políticas e sociais da cidade de Parnaíba-PI, local onde o referido jornal foi produzido e veiculado. Por se tratar de um periódico formado, em sua maioria, pela juventude parnaibana, direcionamos nossas análises para o mesmo no intuito de investigar sua linha editorial. Nela, pudemos identificar algumas das lutas sociais imprimidas pelos articulistas do jornal, as quais denunciavam quais bandeiras políticas eram levantadas por parcela da juventude de Parnaíba no período que compreende os anos finais da ditadura militar, bem como os anos iniciais do período de redemocratização do Brasil.

Em nossa pesquisa, portanto, pudemos identificar que o jornal *Inovação* era progressista em relação à política e às lutas sociais, mas conservador quando o assunto era comportamento social e religião. Em primeiro lugar, identificamos sua postura progressista quando da luta, nos seus editoriais, pela Reforma Agrária, pela criação da Constituinte e Constituição, pela redemocratização do país em meados dos anos 1980, pela luta da melhoria infraestrutural de Parnaíba, pela luta contra a crise econômica do país, além de tantas outras lutas sociais que visavam ao bem comum da população parnaibana e brasileira, de forma geral.

Em contrapartida, quando o assunto era comportamento social e religião, o *Inovação* apresentava-se conservador. Identificamos que nos primeiros editoriais, a preocupação dos fundadores do jornal era com relação a falta de espaços “culturais” onde a população pudesse ter acesso a leitura e educação formal. Criticavam a juventude “curtidora de boites (sic) e bate-papo não cultural”, isso era considerado “desprezível” para seus articulistas. A relação do *Inovação* com a Igreja Católica foi outro ponto onde identificamos sua postura conservadora, sobretudo na escrita da articulista Ana Alice. Segundo ela, os jovens deveriam se aproximar da fé católica para que suas ações fossem pautadas na ética e moral cristã, considerada como único caminho para uma vida correta. Assim, nossa pesquisa mostrou que a experiência jornalística parnaibana apresentou particularidades e contradições próprias de sua juventude nos anos 1970-1980.

## Referências

### Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de. **A Modernização da Imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

BARROS, Patrícia Marcondes de. “**A Imprensa Alternativa Brasileira nos ‘Anos de Chumbo’**”. *Akrópolis*, Umuarama, v. 11, nº 2, p. 63-66, abr./jun., 2003.

BEZERRA, José Pereira. **Anos 70: por que essa lâmina nas palavras? (Antiestética marginal & geração mimeógrafo no Piauí)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. 9.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DAMATTA, Roberto Augusto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DELGADO, Lucília de A. N.; PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970). In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N.(Org.). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Col. O Brasil Republicano, v. 4).

GRYNSZPAN, Mario; DEZEMONE, Marcus. As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro: Ligas Camponesas, comunistas e católicos (1950-1964). In.: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org.). **Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (Col: As esquerdas no Brasil, v. 2).

HERSCHMANN, Micael; RIBEIRO, Ana Paula G (orgs.). **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

### Fontes

ALICE, Ana. MARIA Mãe é a obra prima do Espírito Santo, **Inovação**, Ano II, 18ª ed., mai. de 1979, p. 14.

ALICE, Ana. Você vai ao encontro marcado, **Inovação**, Ano II, 25ª ed., dez. de 1979, p. 13.

ALICE, Ana. Com Deus a nossa paz, **Inovação**, Ano III, 26ª ed., jan. de 1980, p. 16.

COSTA, Reginaldo, Inovação e a ala jovem do MDB, **Inovação**, Ano I, 1ª ed., dez. de 1977, p. 01.

Costa, Reginaldo. Comportamento, **Inovação**, Ano I, 2ª ed., jan. de 1978, p. 04.

COSTA, Reginaldo. Movimento Social e Cultural Inovação, **Inovação**, Ano I, 3ª ed., jan. de 1978, p. 09.

EDITORIAL, A luta continua, **Inovação**, Ano II, 23ª ed., out. de 1979, p. 03

EDITORIAL, A paranóia do bairrismo, **Inovação**, Ano IX, 59ª ed., jul-out. de 1986, p. 03.

EDITORIAL, Luta pela vida, **Inovação**, Ano VI, 45ª ed., ago.-set. de 1983, p. 03.

EDITORIAL, Presidente do FMI, **Inovação**, Ano X, 61ª ed., jan. de 1987, p. 03.

EDITORIAL, Nova República, Novo Jornalismo, **Inovação**, ano VIII, 52ª ed., mar.-abr.-mai., de 1985, p. 03.

EDITORIAL, Novo bispo, **Inovação**, Ano III, 31ª ed., ago.-set. de 1980, p. 05.

EDITORIAL, Nossa igreja, **Inovação**, Ano IV, 37ª ed., jun.-jul. de 1981, p. 03.

FICHA TÉCNICA, **Inovação**, Ano I, 6ª ed., abr. de 1978, p. 02.

FICHA TÉCNICA, **Inovação**, Ano I, 9ª ed., jul. de 1978, p. 02.

RIBEIRO, Francisco José. Jovens parnaibanos, **Inovação**, Ano I, 1ª ed., dez. de 1977.

RIBEIRO, Francisco J. Um grupo vibrante – Novas ideias – e a Ala Jovem e seu jornal – Inovação, **Inovação**, Ano I, 2ª ed., jan. de 1978, p. 02.

SUPLEMENTO ESPECIAL, Nº V, A ação social da igreja, **Inovação**, Ano III, 27ª ed., fev.-mar. de 1980.

SUPLEMENTO ESPECIAL, A igreja, **Inovação**, Ano III, 31ª ed., ago.-set. de 1980.

*Enviado: 29 de janeiro de 2023*

*Aprovado: 05 de setembro de 2023*